

O fazendeiro do ar

À frente de uma ONG ambientalista, criador de búfalos investe na preservação da Mata Atlântica na paranaense Guaraqueçaba

Jorge Eder - Gazeta do Povo/AJB

MARCOS SÁ CORRÊA
 no.com.br

Com todo o respeito pelos pataxós e o parque que invadiram no Monte Pascoal, Guaraqueçaba deve ser o último ponto da costa brasileira em que ficou guardada a memória do Descobrimento. Reserva de Mata Atlântica aninhada em quatro municípios do litoral paranaense, ainda acolhe quem chega do mar com a mesma miragem que recebeu os primeiros navegadores. Não há terra, só árvore à vista, da praia à crista das montanhas.

Pode ser pura ilusão de ótica, cada vez mais contestada pelas fotografias de satélites em que teias alaranjadas mapeiam no meio do verde o roteiro da devastação. Mas o lugar é mesmo diferente. Tanto que, na febre de integração nacional que atacou o país sob o regime militar, o governo dava subsídios a quem abrisse naquela selva o caminho para as roças de café e os pastos de búfalos asiáticos. E, trinta anos depois, o maior proprietário de terras degradadas de Guaraqueçaba e seu maior criador de búfalos é o zoológico Clóvis Borges, que está ali precisamente para acabar com essas coisas.

É o cabeça da Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem, uma ONG ambientalista que, depois de comprar 18 mil hectares de fazendas na região com o dinheiro de grandes empresas americanas, foi parar meses atrás numa CPI do Congresso Nacional, acusada pelo deputado estadual

No passado, como atesta a quantidade de sambaquis, ali existiu a mais preguiçosa versão do paraíso que a fartura tropical já concebeu

Neivo Beraldin de integrar um complô para a internacionalização do território brasileiro. O que não falta na política é gente ciosa daquele tipo de soberania que só admite entregar a Amazônia às madeiras malaias.

Paraíso - Clóvis Borges aproveitou a convocação

para fazer com os parlamentares o que vem fazendo há pelo menos uma década e meia com todo mundo que lhe cruza o caminho, inclusive alunos de escola pública, auditórios internacionais, prefeitos do interior, vereadores hostis, grandes empresários e minúsculos agricultores: o melhor negócio a fazer em Guaraqueçaba é deixá-la exatamente como já foi. Preservada, rende mais do que exaurida pelo desenvolvimento.

No passado, como atesta a quantidade de sambaquis, ali existiu a mais preguiçosa versão do paraíso que a fartura tropical já concebeu. Durante pelo menos sete mil anos, as tribos daquelas praias se sustentaram, sem deixar um só artefato como souvenir de suor civilizatório, tirando ostras do mangue. Ou seja, colhendo "proteína das árvores", segundo o historiador americano Warren Dean. O lugar estava pronto antes que o primeiro ser humano tivesse a idéia de aprimorá-lo.

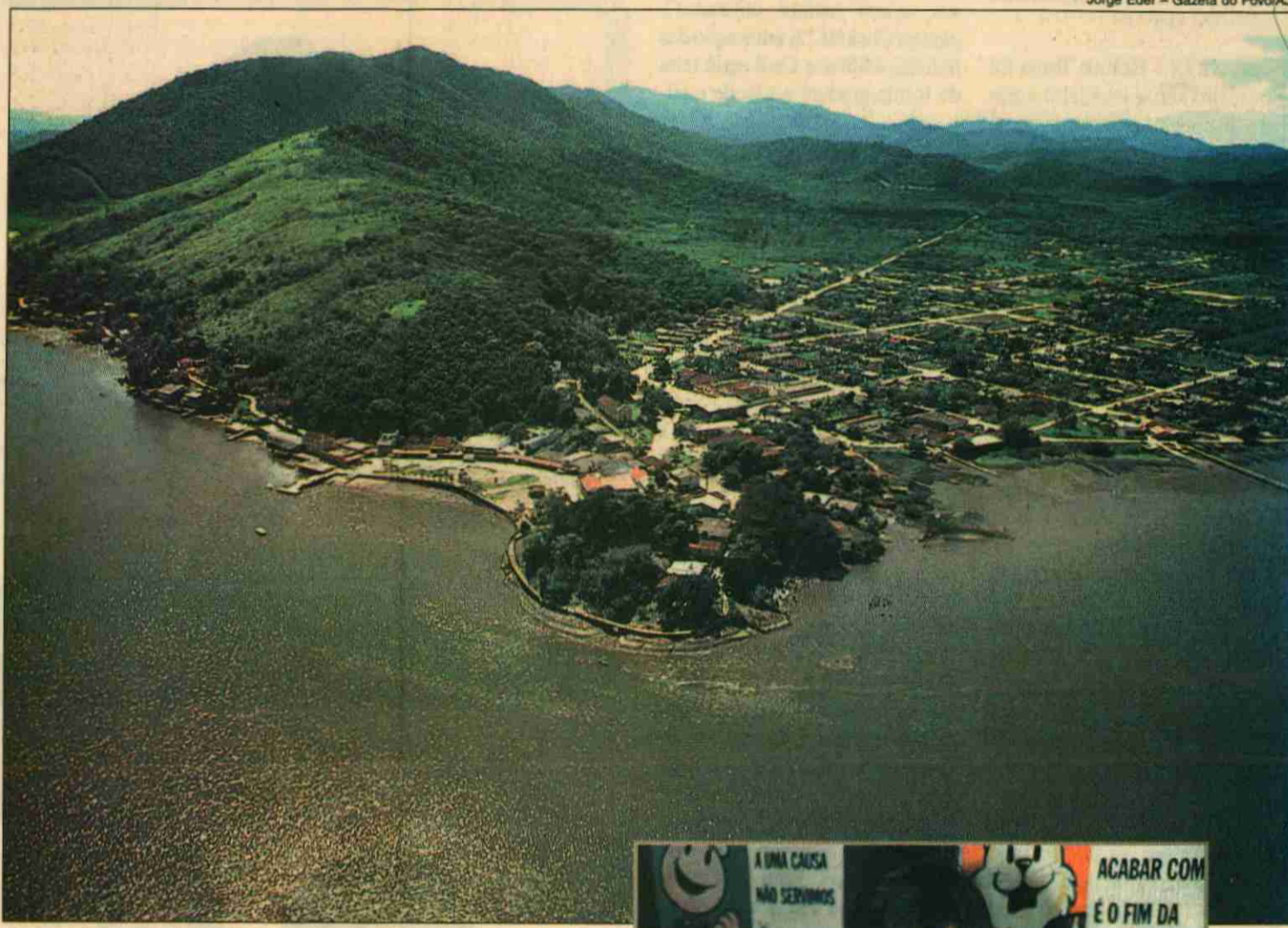
Hoje, a mesma natureza vale dólares. Só a SPVS de Clóvis Borges arrecadou mais de US\$ 18 milhões para devolvê-la à boa forma primitiva nas três reservas particulares que implantou com o dinheiro de doações feitas pela Texaco, a General Motors e a American Electric Power. Nelas, cumprindo passo a passo um contrato de metas trimestrais que se desdobra por 40 anos, cuidará de devolver à floresta tudo o que lhe foi tomado pelos pastos e outros estragos. E para isso não basta plantar árvores, embora esteja plantando por ano 80 mil mudas de espécies nativas, cultivadas nos próprios viveiros de sementes colhidas na mata que sobrou. Este ano, a produção deve bater em quase 150 mil mudas. E passar de 230 mil em 2003.

Búfalos - Além do reflorestamento, é preciso antes de mais nada se livrar dos búfalos sem passá-los adiante, para não exportar degradação. O búfalo é um bicho pioneiro, capaz de abrir os próprios pastos e socá-los até a exaustão com o peso dos cascos. Quando compra fazendas, a SPVS herda rebanhos, que trata de manejar com a maior técnica possível, entre outras coisas para mostrar à vizinhança que há melhores maneiras de cometer o mesmo erro. Entre os animais que incorpora a cada expansão de cercas, os que nascem na propriedade e os que esperam dois anos e meio para ir ao matadouro, a ONG pastoreia atualmente mais de 500 cabeças. É tarimba bastante para dar conselhos a pecuaristas em suplementos agrícolas de grandes jornais.

É preciso se livrar dos búfalos sem passá-los adiante, para não exportar degradação. É capaz de abrir pastos e socá-los com o peso dos cascos

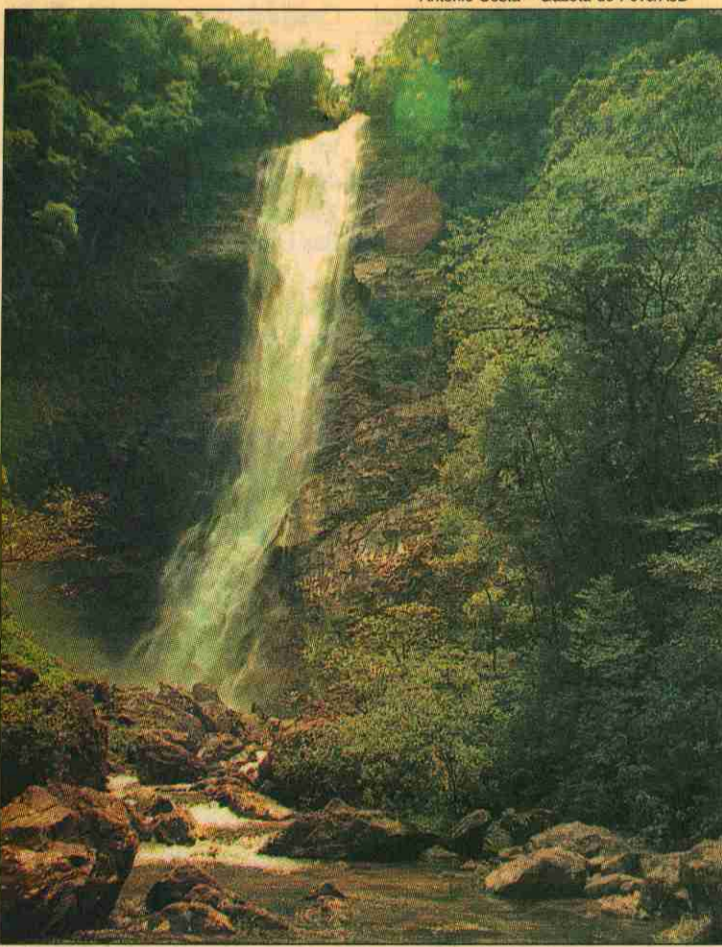
A entidade também incorpora ao quadro de funcionários boa parte dos empregados que as fazendas vão deixando para trás. Quem entra, fora a carteira assinada, que é rara na região, recebe treinamento, cursos em auto-escola, uniforme e seguro-saúde. Os moradores mais antigos ganham a casa e meia dúzia de hectares titulados. Um time de 50 servidores já passou por essa conversão. Meses atrás, foram entrevistados sobre a mudança de vida. Esperava-se que a carteira de trabalho viesse em primeiro lugar na lista de vantagens da nova situação. Mas venceu disparado o quesito "receber o salário em dia". Em troca, "antigos criadores de búfalo se convertem em reflorestadores", diz Clóvis.

De quebra, distribui bibliotecas completas de educação ambiental às 80 escolas de Guaraqueçaba. Ensina pequenos agricultores a extrair mais das lavouras com menos estragos. Acolchoa com matas ciliares as margens de rios que, depenados, estavam assoreando a baía. De têm a nascente que brota dentro de sua reserva no Morro da Mina e abastece de água os 17 mil moradores da cidade de Antonina. De outra reserva, a do Itaqui, sai o tubo submarino que recentemente apresentou pela primeira vez aos 600 moradores da Ilha Rasa uma novidade chamada água potável. A ONG está ali interessada em princípio na sobrevivência do papagaio-da-cara-roxa, uma espécie em extinção. Mas acabou organizando a associação de moradores daquela minúscula comunidade de pescadores dividida por sete igrejas rivais. E, numa área infestada de verminoses, introduziu o tratamento de esgoto através de plantas nativas da própria ilha.



Reserva da Mata Atlântica, Guaraqueçaba guarda a memória do Descobrimento. Entre quatro municípios do litoral paranaense, quem chega do mar não vê terra, só árvore. Lá, Clóvis Borges, criador de búfalos e maior proprietário de terras, dirige uma ONG com dólares em caixa. Quer devolver à floresta tudo que lhe foi tomado

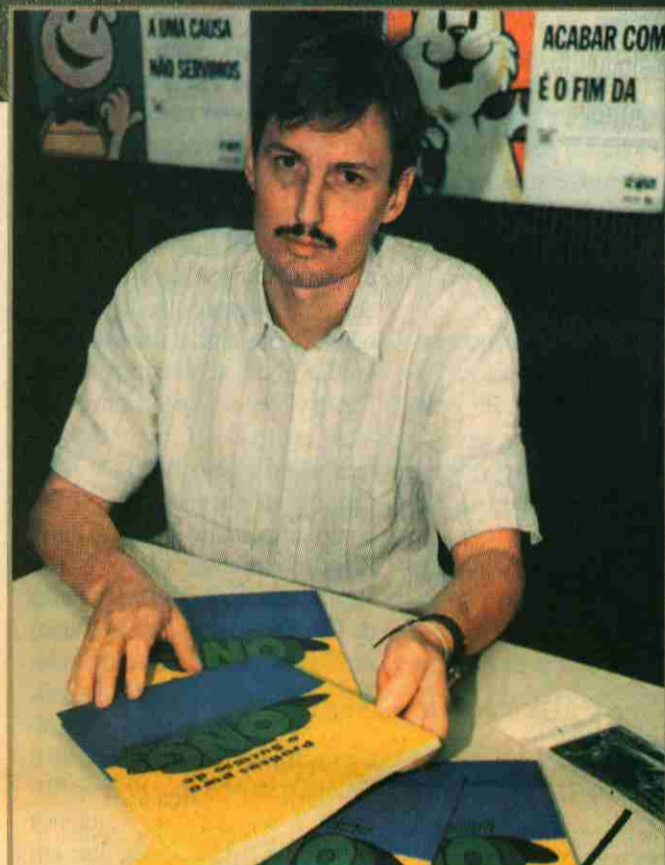
Antônio Costa - Gazeta do Povo/AJB



Dívida - Sem esquecer que o P de SPVS é de pesquisa. Com o dinheiro do reflorestamento, vem a supervisão da ONG americana The Nature Conservancy, responsável por santuários naturais em 368 mil quilômetros quadrados em vários continentes. E ela não conta só os centavos que se gastam em cada fase do projeto. Quer também o recibo dos 2,5 milhões de toneladas de carbono que as reservas em Guaraqueçaba se comprometeram a tirar da atmosfera, devorados pelo crescimento de suas matas. O dinheiro vem de empresas que, antes mesmo de estrear a futura bolsa do aquecimento global, querem juntar para quitar a dívida com os termômetros do planeta. O carbono é o maior suspeito pela mudança climática da terra. As fábricas, usinas, carros e fornos o produzem cada vez mais. As plantas o consomem.

Amarrar a restauração da Mata Atlântica em Guaraqueçaba a projetos internacionais de sequestro de carbono dá um trabalho danado. Nas áreas que estão reflorestando, os pesquisadores da SPVS acabam conhecendo, por amostragem, a composição de cada folha caída, cada tronco murcho, cada broto. Tudo isso entra no cálculo dos bônus de compensação. Mas implicam, por tabela, conhecer a floresta brasileira com uma intimidade que em 500 anos de machado, queimada e moto-serra ela nunca mereceu.

"No começo, éramos um grupo de quinze estudantes de Biologia que queriam porque queriam fazer pesquisa", conta Mônica Rosa Borges, que através da militân-



Luiz Augusto - Gazeta do Povo/AJB

cia ecológica acabou casada com Clóvis. O grupo começou como clube de observadores de aves. Virou ONG em 1984. E aprendeu como não se recupera uma floresta trabalhando num buraco deixado pela Petrobras numa mina de xisto em São Mateus do Sul. "Ficamos cinco anos lá e plantamos muito", diz Mônica. "Mas não resolve. Reflorestar exige tempo."

Favela - No começo dos anos 90, a SPVS fez o plano de manejo da APA de Guaraqueçaba. APA quer dizer área de proteção ambiental. Ou seja, quase nada. Um lugar onde o governo finge botar ordem em terra alheia. Na região serrana do Rio de Janeiro, por exemplo, as favelas enfeitam a APA de Petrópolis. Para a SPVS, como se aplica o plano ao pé da letra, foi preciso que a mineradora Ical procurasse nos Estados Unidos a The Nature Conservancy, querendo se livrar do Morro da Mina. A ONG americana passou a bola à ONG brasileira. Ela tomou posse dos primeiros 2.500 hectares onde, nos bons tempos da extração de ferro, trabalhavam mil pessoas. Com US\$ 3 milhões da Texaco, vão sendo devolvidos à selva.

Com o pé no Morro da Mina, Clóvis Borges passou a olhar com outros olhos para os pastos esburacados da vizinhança. "Eu tinha passado dez anos naquela estrada imaginando o que faria com aquelas terras degradadas se fossem minhas", lembra. Muitas placas em porteiros depois, ele mesmo se espanta: "Agora são. Mal dá para acreditar". Está em suas mãos uma reserva mais ou menos do tamanho de Itatiaia, o primeiro parque nacional do País. É tanta coisa que ele não quer mais crescer, para não se transformar num Ibama, grande e ineficiente.

Padrinho - Com três reservas particulares, mais um contrato com o governo do Paraná e mais uma estação ecológica que lhe foi entregue por convênio com o governo do Paraná não se muda a temperatura do planeta. Mas Clóvis Borges tem outros projetos. Daqui para a frente, agora que os proprietários de terra passaram a olhar para ele como um grande comprador de latifúndios e as empresas a encará-lo como alguém capaz de parcerias com gigantes como a GM, a SPVS quer virar uma espécie de agência matrimonial.

Como? "Agora não pretendo mais comprar terra, mas vender a idéia", responde Cláudio. Quer dizer: "Aproximar de graça os donos de terra que se tivessem uma chance não gostariam de derrubar todo o mato que têm e empresas que estejam pensando em ligar sua marca a uma boa ação ambiental, nem que seja só para publicidade". Isso existe? Bem, ele já apresentou Sibila Schneider, herdeira de 12 mil hectares que o pai comprou ao redor da cidade a um fabricante de parafusos interessado em bancar uma reserva. "Começou o namoro entre eles. Se sair casamento, quero ser o padrinho."

Com três reservas, contrato com o governo do Paraná e uma estação ecológica não se muda a temperatura do planeta. Mas Clóvis Borges tem outros projetos